

FORMAÇÃO DA PROFESSORA NEGRA EM CAICÓ/RN: desafios e lutas

Ezequiel Santos MONTEIRO
Edja Kelly da Silva LIMA
(Orientadora) Prof^a Dr^a Tânia Cristina Meira GARCIA.

A educação da mulher brasileira durante muito tempo restringiu-se a aprendizagem dos princípios religiosos e morais. A aprendizagem das tarefas domésticas constitui um capítulo à parte na história de vida dessa mulher. Desenvolver as habilidades de coser, bordar, reger a casa e educar os filhos eram características indispensáveis àquelas mulheres que almejavam conquistar um “bom partido” e constituir uma família de base sólida, tornando-se dessa forma, uma senhora respeitada perante a sociedade vigente. Contudo, muitas vezes, o casamento tão esperado tornava-se um relacionamento de aparências, onde a mulher vítima de traições suprimia o seu “real sofrimento” em prol de manter sua família unida e preservar sua imagem perante a sociedade, já que uma mulher separada não era bem quista pela sociedade de então.

No entanto, nem todas as mulheres aceitavam a situação que lhes era imposta pela sociedade na qual estavam inseridas. Nem todas almejavam dedicar-se única e exclusivamente às responsabilidades advindas do matrimônio e da maternidade. Estas buscavam trilhar caminhos diferentes, caminhos estes que divergiam daquilo que era concebido como convencional pela sociedade, já que estas mulheres objetivavam exercer funções que não estavam diretamente relacionadas com o ambiente familiar e doméstico.

É então que determinadas mulheres insatisfeitas com a situação a qual eram submetidas, inquietaram-se e passaram a fazer reivindicações. Tais reivindicações tinham por objetivo mostrar que a mulher, embora aparentemente frágil, era capacitada e hábil o suficiente para exercer qualquer função que lhe fosse atribuída. Uma das conquistas advindas dessas reivindicações foi a sua inserção no âmbito educacional, fato este que trouxe mudanças significativas para sua vida. Entretanto, a aprendizagem das tarefas domésticas continuava sendo um fator determinante na formação da mulher, pois de acordo com LOURO:

Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO, 2001; p.443 – 481)

Graças aos esforços da iniciativa privada, tem início na segunda metade do século XIX o processo de constituição do ensino secundário voltado para o sexo feminino. Houve também quem defendesse o aprimoramento da instrução feminina no Brasil, alegando que a ignorância da mulher era um importante fator no retardamento do progresso da humanidade. Porém, tal iniciativa não tinha por objetivo levar à mulher ao apogeu científico e literário, nem se pleiteava que ela assumisse funções que ainda eram consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectual e não condizentes com o destino ao qual estava “fadada”, ou seja, a maternidade e os afazeres domésticos.

Evidentemente, as mulheres às quais fizemos menção até agora, tratam-se de mulheres de cor branca e/ou abastadas. Tendo em vista que as divisões de classe, etnia e raça exerciam um papel extremamente importante na definição do tipo de educação (re) transmitida às crianças. Vale salientar que esta educação era fator determinante na definição dos papéis que os indivíduos iriam exercer quando adultos perante a sociedade na qual estavam imersos. Para a população de origem africana, por exemplo, o regime de escravidão, além de ter cerceado o seu direito à liberdade, privou-a também do acesso a qualquer tipo de escolarização, restringindo-a dessa forma a uma condição sócio-econômica inferior a da população de cor branca. No final do século XIX, pode-se encontrar registros de algumas leis que lentamente foram rompendo com as barreiras formadas pelo regime escravista. Porém tais leis não conseguiram ultrapassar os limites que deixavam o negro à margem do processo de escolarização. Acerca deste fato LOURO, 2001 faz a seguinte inferência: “São registradas como de caráter excepcional ou de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas”.

Ao sentirem a necessidade de uma vida livre, a ânsia por ter seus direitos de cidadão assegurados, emerge do âmago dos afro descendentes, fazendo com que estes lutem para terem direito a apropriação do saber escolar nos moldes das exigências oficiais, tal ânsia é fruto de um processo de conscientização que permitiu a este grupo étnico adquirir a percepção de que por meio da educação poderiam conquistar a tão vislumbrada liberdade, podendo obter inclusive, os mesmos direitos e bens dos quais o homem branco era detentor. Desse modo, de forma gradual, camadas populacionais negras conseguem atingir níveis de instrução de pessoas escolarizadas, ou adentrando na rede pública, ou por via de asilos de órfãos e escolas particulares.

Todavia, é válido lembrar que tais conquistas não foram obtidas de maneira simples nem imediata. Foram conseqüência de muitas lutas travadas no interior da

sociedade, que mesmo trazendo índices significativos para este grupo étnico, não obteve os resultados desejados pelo mesmo, tendo em vista que não foi suficiente o bastante para englobar toda a massa afro descendente no sistema educacional. Apesar de uma trajetória marcada por dificuldades, podemos elencar alguns casos de pessoas afro descendentes, especificamente do sexo feminino, que conseguiram driblar as barreiras impostas pelo preconceito racial e econômico.

Em estudo realizado na cidade de Caicó/RN, por exemplo, foi realizado um levantamento acerca da presença de mulheres afro descendente no sistema educacional desta cidade, o que possibilitou a constatação de um determinado número de alunas pertencentes a este grupo étnico neste município. Para o desenvolvimento desta investigação foram realizadas visitas ao Centro Educacional José Augusto (CEJA), importante instituição que objetiva a formação de profissionais na área da docência, onde foram analisadas 3.521 fichas individuais de alunas que freqüentaram este estabelecimento de ensino durante o período que se estende de 1960 a 2003. Mediante os dados encontrados, AZEVEDO (2006) faz a seguinte constatação:

Analisando as certidões de nascimento, podemos verificar que dentre as 3.521 fichas, as quais tivemos acesso, foram identificadas apenas quatro alunas registradas como tendo a cor “preta” (*sic*), pois a maior parte das que foram reconhecidas na pesquisa como negras, por meio das fotografias, são registradas como morenas e uma outra parcela como pardas. (AZEVEDO, 2006, P. 55).

Percebe-se assim, que embora houvesse mulheres afro descendentes, de fato, muitas não era reconhecida como tal, ou não se auto-reconhecia como pertencente a essa etnia, fato este que pode ser caracterizado como “ideologia assimilacionista”¹. Essa ideologia corresponde a um estado ilusório de convivência satisfatória, onde o indivíduo se imagina da maneira que lhe é mais conveniente, nessa caso, como morena.

Dando continuidade ao trabalho de pesquisa, enveredamos pelo campo das entrevistas orais, onde conversamos com cinco mulheres afro descendentes acerca de sua trajetória de vida, na tentativa de identificar quais as dificuldades enfrentadas por estas mulheres ao longo do seu processo de formação educacional. Cada uma delas nos apresentou uma história de vida peculiar, porém com alguns elementos em comum, elementos estes que demonstram a força e a determinação de mulheres que enfrentaram

¹ Definição utilizada por RIBEIRO (1995) para explicar o fenômeno da morenização do brasileiro.

inúmeras barreiras, tendo muitas vezes que agir de forma contrária a vontade de seus pais, para realizarem o seu sonho: SE TORNAR PROFESSORA!

[...] eu terminei o quinto ano, eu vim pra casa e disse: mamãe eu passei. Aí ela disse: pronto! Agora você vai aprender a bordar e a costurar, pra quando você se preparar pra casar, quando aparecer alguém pra você casar você já ta pronta. Aí eu botei para chorar, porque eu não queria isso, eu queria ser professora. (trecho de entrevista oral realizada em 06/05/2006).

O trecho citado anteriormente é parte integrante da entrevista realizada com a professora Darrimar Lopes de Andrade Lucena, onde ela relata sua história, enfatizando as experiências pela quais passou ao longo de sua trajetória e os preconceitos que teve que enfrentar em diversos momentos de sua vida e principalmente quando conseguiu realizar o seu sonho e torna-se professora:

Quando eu fiz concurso pra o Estado para professora, eu sofri preconceito de alguns pais que não me queriam como professora porque eu era negra... enfrentei preconceito como namorada, como amiga, como professora...

Em uma outra entrevista realizada com a professora Ezequielda Félix, ela relata explicitamente os obstáculos que enfrentou durante seu período de formação docente, destacando as dificuldades que teve para conciliar as funções de professora, dona de casa e estudante universitária.

A maior dificuldade que eu encontrei foi a de estudar, quando eu , eu tinha feito magistério então depois pra eu poder continuar estudando foi muito difícil, porque infelizmente eu tive que sacrificar muito meus alunos, pra eu estudar, e isso me fazia muito mal. Muito mal mesmo, porque eu tinha assim, uma demanda enorme de coisas da universidade, então, nem eu estudava direito e nem podia me preparar direito pra dar aula.

Ao entrevistarmos a professora Rosânia Maria dos Santos, nos deparamos com um contexto não muito diferente das demais, tendo em vista que seu pai também atuou como um “empecilho” para a sua formação, além disso, outro fator bastante desfavorável, era o fato da mesma residir com seus pais na zona rural , encontrando por isso uma série de dificuldades para chegar até a escola.

Ao chegar à quarta série eu parei porque meu pai não deixava eu viajar pra cidade, que era município de Jardim do Seridó, então ele não deixava. Como eu tinha muita vontade de estudar eu pedi a professora para que eu repetisse como ouvinte a quarta série.

A última das entrevistadas dessa série foi a professora Vânia Maria da Silva, que apresenta características semelhantes as da professora citada anteriormente. Vânia também residia na zona rural e também enfrentou a oposição do pai em relação a seus estudos.

Minha mãe não, ela sempre foi assim, ela sempre apesar de uma pessoa muito simples, mas ela sempre viu como prioridade, né? Que seria uma maneira de chegarmos a determinado lugar, através do estudo. Já o meu pai viu por outro lado, né? Que tínhamos que trabalhar para ajudar na, essa questão de renda familiar e tudo mais.

Percebemos através do discurso dessas mulheres que muitos foram os entraves enfrentados por elas ao longo da vida, seja pela oposição dos pais, seja pela condição sócio-econômica, ou pelos preconceitos enfrentados, elas travaram verdadeiras batalhas para atingirem seu objetivo: CHEGAR Á DOCÊNCIA.

Talvez a maior de todas as batalhas travadas por essas mulheres para a consolidação de seu sonho, por tanto tempo impedido de ser realizado, tenha sido conseguir se inserir legalmente no curso do magistério, já que esta atividade foi primordialmente exercida exclusivamente por pessoas do sexo masculino e de cor branca, tendo em vista que essa profissão era geradora de status social. Quando a mulher consegue transpor os limites preconceituosos impostos pela sociedade, apenas uma parcela deste gênero (leia-se a parcela branca) consegue exercer a função docente.

No início da década de 1960 identificamos a presença da mulher afro descendente no sistema de ensino da cidade de Caicó/RN, fato este que pode ser explicado pelo início do processo de formação, por meio do magistério nesta localidade, que em sua primeira turma atendeu uma demanda de quarenta e nove alunas, sendo que três dessas foram identificadas como afro descendentes. Outros fatores de extrema relevância contribuíram para a inserção da mulher afro descendente no sistema educacional, dentre eles pode-se destacar: a democratização do ensino e a desvalorização do magistério como campo de trabalho, devido a baixa remuneração, o que fez perder parte do status que havia adquirido em épocas passadas. Com o passar do tempo a mulher afro descendente foi conquistando um maior espaço dentro do campo

educacional, isto pode ser constatado pela presença marcante dessa mulher na década de 1980, como afirma AZEVEDO (2006):

O maior índice de matrículas, é verificado entre 1986 e 1988, ocorrendo nesse primeiro ano o maior percentual de alunas brancas matriculadas, 206 e 13 negras. No ano seguinte, em 1987, é constatada a maior incidência de negras, durante os anos pesquisados, perfazendo um total de 17 alunas negras, apresentando também o número de 146 alunas brancas. (AZEVEDO, 2006, P 55).

Assim, fica evidenciado que não foi fácil para essa mulher conquistar a confiança e o respeito da sociedade, porém com muitas lutas travadas e desafios enfrentados, elas conseguiram. Chegaram às salas de aula de nosso país. Mesmo que a escolha pelo magistério tenha representado a realização de um sonho e de um ideal de vida para algumas, vale salientar que para outras o magistério foi a sua única opção, diante da impossibilidade de alçar vôos mais altos.